

Estudos sobre mídia, esporte e gênero no Brasil

Narrativas do futebol feminino e algumas propostas

ANA CAROLINA VIMIEIRO

*Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil*

FLAVIANE RODRIGUES EUGÊNIO

*Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil*

OLÍVIA LUIZA PILAR DE SOUZA

*Universidade Federal de Minas Gerais
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil*

ID 2714

Recebido em

19.01.2023

Aceito em

21.11.2023

Este artigo analisa narrativas da mídia sobre o futebol de mulheres observadas na literatura de referência da área a partir de um mapeamento que fizemos como etapa final de uma metapesquisa sobre gênero e esporte no Brasil. Nesse mapeamento, destrinchamos nove narrativas, incluindo as representações que articulam o futebol feminino ao exótico e peculiar (primeiras décadas do século 20) e a da mulher moderna, forte e ativa (1990-atual). Também propomos um conjunto de oito linhas de investigação a partir de lacunas temáticas, teóricas e empíricas que identificamos ao longo do estudo, conduzido como parte de um projeto amplo de pesquisa sobre mídia, esporte e mulheres.

Palavras-chave: Comunicação e esporte. Gênero e esporte. Mídia esportiva. Futebol de mulheres. Futebol feminino.

Studies on Media, Sport, and Gender in Brazil: Narratives of Women's Football and Some Proposals

This article analyses media narratives about women's football observed in the area's scholarship based on a mapping that we carried out as the final stage of a meta-research on gender and sport in Brazil. In this mapping, we detail nine narratives, including representations that articulate women's football to the exotic and peculiar (first decades of the 20th century), and the modern strong and active woman (1990-current). We also propose a set of eight lines of investigation, based on thematic, theoretical, and empirical gaps that we identified throughout the study, conducted as part of a broad research project on media, sport and women.

Keywords: Communication and Sport. Gender and sport. Sports media. Women's football.

Estudios sobre medios, deporte y género en Brasil: narrativas del fútbol femenino y algunas propuestas

Este artículo analiza narrativas mediáticas sobre el fútbol femenino observadas en la literatura de referencia del área a partir del mapeo que realizamos como etapa final de una meta-investigación sobre género y deporte en Brasil. En este mapeo, desentrañamos nueve narrativas, incluyendo las representaciones que articulan el fútbol femenino a lo exótico y peculiar (primeras décadas del siglo XX) y a la mujer moderna, fuerte y activa (1990-actualidad). También proponemos un conjunto de ocho líneas de investigación, basadas en brechas temáticas, teóricas y empíricas que identificamos a lo largo del estudio, realizado como parte de un amplio proyecto de investigación sobre medios, deporte y mujer.

Palabras clave: Comunicación y deporte. Género y deporte. Medios deportivos. Fútbol femenino.

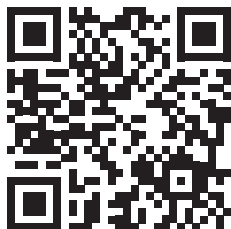
Ana Carolina **VIMIEIRO**

Professora do Departamento de Comunicação Social (DCS) e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social (PPGCOM) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É coordenadora do Coletivo Marta – Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas. Trabalha com estudos culturais, estudos de gênero, sociologia do esporte e estudos sobre sociedade civil.

Universidade Federal de Minas Gerais,
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

E-mail: acvimieiro@gmail.com

ORCID



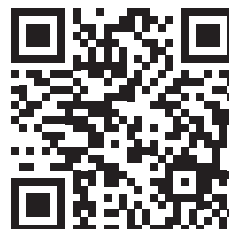
Flaviane Rodrigues **EUGÊNIO**

Mestra e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM-UFMG), na linha Processos Comunicativos e Práticas Sociais. Graduada em Letras (Português-Inglês) e suas Literaturas pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Integra o Coletivo Marta – Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas.

Universidade Federal de Minas Gerais,
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

E-mail: flavianerodrigues.e@gmail.com

ORCID



Olívia Luiza Pilar **DE SOUZA**

Mestra e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM-UFMG), na linha Processos Comunicativos e Práticas Sociais. Pós-graduada em Marketing Digital pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG) e graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela mesma instituição. Integrante do Coletivo Marta – Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas.

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

E-mail: oliviapilarsouza@gmail.com

ORCID



Introdução

Nos últimos anos, temos assistido a um crescimento de visibilidade e interesse na mídia e na academia pelo futebol de mulheres e pelas mulheres do futebol, como jornalistas, torcedoras, árbitras, entre outras. Na mídia, a Copa do Mundo Feminina de 2019 é frequentemente apontada como um ponto de inflexão. Certamente, o evento teve uma importância significativa, o que seus números revelam: foi a competição feminina da Federação Internacional de Futebol (FIFA) mais assistida da história, sendo acompanhada por mais de 1 bilhão de pessoas ao redor do *globo* e com a final entre Estados Unidos e Holanda tendo uma audiência de 260 milhões, segundo dados da organização (Mendonça, 2019a). Para fins de comparação, sua audiência global em 2015 havia sido de 764 milhões. O sucesso também foi identificado no Brasil, com o evento sendo transmitido pela primeira vez pela Rede Globo e batendo recordes: o jogo das oitavas de final entre Brasil e França registrou a maior audiência do futebol feminino na história, com 35 milhões de espectadores (Mendonça, 2019b). A audiência total dobrou em comparação com 2015, saltando de 42 para 108 milhões, segundo dados do Kantar Ibope Media (Capelo, 2019).

Porém, é verdade também que o evento não é exatamente o gerador de todas essas mudanças, atuando mais como um catalisador que resulta de outras dinâmicas ao mesmo tempo que estimula um conjunto de processos. Além das mudanças sociais mais amplas e da luta histórica das mulheres para praticarem uma modalidade que foi proibida formalmente para elas em vários países, incluindo o Brasil, temos desde 2016 uma série de medidas sendo tomadas, que vão desaguar no sucesso de 2019. Por exemplo, no cenário sul-americano, em 2016, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) publicou um novo estatuto e regulamento de clubes que tornou obrigatório, a partir de 2019, que todos os clubes que disputam competições organizadas por ela, incluindo a Copa Libertadores da América, mantenham ou se associem a quem mantenha uma equipe de mulheres. A medida fortaleceu o Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, que já era disputado desde 2013, por exemplo, com a estreia na competição de clubes tradicionais que ainda não tinham equipes femininas, como Atlético Mineiro, Cruzeiro, São Paulo e Palmeiras. O calendário mais organizado também atraiu o interesse das emissoras para a transmissão das partidas e, em 2019, depois de dois anos sem transmissão televisiva, os direitos foram vendidos para a Rede Bandeirantes, que transmitiu o evento até 2022 (Mendonça, 2019c). A partir de 2023, a competição tem transmissão exclusiva em TV aberta pela Rede Globo, emissora que também transmitiu a Copa do Mundo Feminina de 2019 e o evento feminino da FIFA novamente em 2023.

O investimento da Globo na modalidade revela uma certa disputa de mercado e a aposta da empresa no sucesso financeiro da modalidade. Não à toa, o conglomerado da família Marinho também tem investido pesado para ampliar seu plantel de mulheres no jornalismo esportivo. Durante a Copa do Mundo Masculina 2022, no Catar, chamou a atenção do público amplo do evento (que inclui pessoas que não acompanham jogos de futebol cotidianamente) a presença marcante da primeira narradora mulher e da primeira comentarista da seleção na TV aberta, Renata Silveira e Ana Thaís Matos, respectivamente. As duas fazem parte de um conjunto significativo de contratações que a Globo tem feito nos últimos anos e que incluem, entre outros nomes, Renata Mendonça, Natália Lara, Karine Alves, Gabriela Moreira e Débora Gares.

Na academia, o interesse sobre a temática também tem crescido significativamente. Adiantando um dado da pesquisa que apresentaremos a seguir, nosso levantamento apontou um crescimento importante, desde 2010, de publicações sobre gênero e esporte no Brasil, com uma intensificação a partir de 2017. Se de 2000 a 2005 identificamos apenas 4 artigos de periódicos nessa interface, esse número sobe para 27 no último ano da coleta, em 2020. Também é possível perceber esse crescimento de interesse a partir do levantamento das publicações sobre mulheres e esportes no Grupo de Pesquisa (GP) de Comunicação e Esporte da Intercom, espaço que reúne anualmente as pesquisadoras e os pesquisadores da área no país (Fortes,

2011). A Tabela 1 abaixo registra o total de artigos publicados nos anais do evento e o total de artigos especificamente sobre mulheres desde 2010. É significativo que, de nenhum trabalho em 2010, tenhamos em 2022 mais de um terço dos artigos focados no tema.

Ano	Total de trabalhos (GP Comunicação e Esporte)	Trabalhos sobre mulheres (GP Comunicação e Esporte)
2010	19	0
2011	24	1
2012	33	2
2013	25	1
2014	36	3
2015	50	4
2016	50	3
2017	37	4
2018	35	4
2019	26	3
2020	34	6
2021	35	9
2022	21	8

Tabela 1: Trabalhos sobre mulheres no GP Comunicação e Esporte da Intercom

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Dialogando com esse contexto, este artigo apresenta e analisa os dados da pesquisa realizada como primeira fase de um amplo projeto que busca compreender as relações entre mulheres, esporte e mídia. Neste estudo, investigamos as publicações sobre gênero e esporte em periódicos brasileiros de 2000 a 2020. Esta análise teve três movimentos de pesquisa: 1) análise ampla dos 174 artigos coletados no período com foco nas(os) principais autoras(es), periódicos e tópicos das publicações; 2) análise mais detalhada de um conjunto restrito de 20 textos cujo foco é a mídia esportiva; 3) mapeamento das principais narrativas da mídia sobre o futebol de mulheres e proposição de uma agenda futura para a subárea. Em trabalhos anteriores, exploramos em detalhes os resultados do primeiro e do segundo movimentos (Vimieiro; Eugênio; Pilar, 2021; 2023). Neste artigo, focaremos no terceiro ponto.

Recorremos neste projeto, por um conjunto de razões, à estratégia da metapesquisa, ou da pesquisa sobre a pesquisa. A primeira delas é a fragmentação que demarca esta subárea. Se a mídia é tradicionalmente objeto de grande interesse do campo da Comunicação, não é nesse campo que estão as principais pesquisadoras e pesquisadores da interface mídia, esporte e gênero. Os levantamentos sistemáticos brasi-

leiros que haviam sido feitos antes do nosso também não tinham como foco ou eram tocados por pesquisadoras e pesquisadores da Comunicação nem tinham como objetivo olhar para os periódicos acadêmicos (e.g. *Devide et al.*, 2011; Luz Júnior, 2003) que, podemos argumentar, ganharam uma relevância central no desenvolvimento científico nas últimas décadas.

Uma outra percepção era a de que essa dispersão dificultava termos um retrato mais amplo e comparativo da subárea, com vistas a, por exemplo, compreender historicamente as diferentes narrativas e representações das mulheres do esporte identificadas pela literatura de referência. Sem um mapeamento mais sistemático, parecia muito difícil ter noção das lacunas, dos entendimentos desses estudos sobre a mídia e das perspectivas teóricas mais acionadas. Precisávamos de uma estratégia robusta para entendermos como a Comunicação poderia contribuir para as pesquisas de uma temática (mídia, esporte e gênero) que é estudada na academia, no Brasil, pelo menos desde os anos 1990, mas cuja entrada de pesquisadoras e pesquisadores da Comunicação é bastante tardia e recente.

Assim, seguimos os apontamentos de Mattos e Villaça (2012, p. 204), que defendem que a metapesquisa é importante para a consolidação de um campo acadêmico, “na medida em que ela possibilita o desenvolvimento de autorreflexões sistemáticas e críticas das investigações”. Na subárea de Comunicação e Esporte, Fortes (2011; 2014; 2021) tem feito levantamentos sistemáticos nos últimos anos. Como argumentado pelo autor, o subcampo carece de diálogo interno e de mais balanços bibliográficos – o que seria uma condição para um amadurecimento seu, uma vez que as práticas internas são de poucas trocas e pesquisas voluntaristas que dizem mais dos interesses individuais de pesquisadoras e pesquisadores do que de lacunas existentes e agendas de pesquisa estruturadas. A junção “temática” do subcampo, que reúne pessoas interessadas em um objeto empírico, mas que não compartilham necessariamente de perspectivas teóricas em comum, contribui para dificultar tais diálogos.

Para Fortes (2021), os balanços bibliográficos, muito comuns em outros campos como a História, beneficiariam o subcampo da Comunicação e Esporte em termos de consistência, sistematicidade e cientificidade. O pesquisador aponta que o subcampo ainda carece de linhas e espaços consolidados de discussão, recebendo uma atenção acadêmica discreta dada a importância dos esportes no país e no mercado da comunicação. Diferentemente de outras áreas das ciências humanas e sociais, como História, Sociologia e Antropologia, Fortes (2014) considera o subcampo de Estudos do Esporte dentro da Comunicação ainda incipiente, porém com um crescimento significativo de produção nos últimos anos, o que reforça a urgência de reflexões epistemológicas para superarmos o voluntarismo e avançarmos como subcampo científico.

Este artigo une-se a esses esforços, fazendo particularmente uma autorreflexão dos trabalhos sobre mídia, esporte e gênero. O texto foi assim organizado: começamos com uma breve revisão de outros levantamentos sobre o tema; depois, descrevemos a metodologia empregada e de forma resumida os dois primeiros movimentos de nossa pesquisa; na sequência, apresentamos as narrativas sobre o futebol de mulheres discutidas na literatura de referência da área; e, por fim, apontamos perspectivas e linhas de trabalho que poderiam ser exploradas nesse subcampo no futuro.

Brevíssima revisão de outros levantamentos sobre o tema

As relações entre esporte e gênero têm sido pesquisadas no Brasil desde o fim dos anos 1980, ganhando maior expressão a partir da década de 1990 e se institucionalizando de forma mais concreta a partir dos anos 2000, com a consolidação de projetos de pesquisa vinculados a Programas de Pós-Graduação e a publicação de livros, teses e dissertações (*Devide et al.*, 2011). Grande parte dessa produção está vinculada à área da Educação Física (EF). Nessa literatura, temos o predomínio, na década de 1980, dos temas da EF escolar, particularmente sobre os estereótipos e papéis sexuais e a distribuição dos alunos nas aulas de EF

mistas e separadas por sexo (Luz Júnior, 2003). Nos anos 1990 e na primeira década dos anos 2000, os temas predominantes são: gênero e metodologias de ensino na EF escolar; mecanismos de inclusão, exclusão e autoexclusão na EF escolar; história das mulheres no esporte; representações sociais de gênero na mídia esportiva; mulheres em posições de comando no esporte; esporte e identidades de gênero (masculinidades e feminilidades); e a construção sócio-histórica dos estereótipos relacionados às práticas corporais (Devide *et al.*, 2011).

Em termos conceituais, em um mapeamento dos anos 1980 e 1990, Luz Júnior (2003) aponta o predomínio de duas correntes: a marxista e a culturalista. A primeira, interessada nas desigualdades sociais, principalmente as opressões de classe entre homens e mulheres, e nas hierarquias de dominação-submissão. A segunda, mais focada nas múltiplas identidades. A partir dos anos 2000, afirmam Devide e colegas (2011), as perspectivas pós-estruturalistas ganham espaço. Teóricas como Joan Scott, Judith Butler e Guacira Louro são três das mais utilizadas na literatura da EF que investiga as relações entre esporte e gênero desde então. Para Devide e colegas (2011, p. 95), essa corrente tem como intuito questionar “o caráter heterossexual do conceito de gênero, possibilitando o reconhecimento de uma masculinidade e feminilidade ‘plurais’, contestando a noção de identidades hegemônicas”.

Internacionalmente, Susan Birrell (2000) afirma que os estudos nessa área se iniciam por volta da década de 1970 e tinham, até o momento de escrita do seu trabalho, três estágios: 1) um primeiro, de meados da década de 1970, que se caracteriza por pesquisas ateóricas em que se buscou documentar as desigualdades e reivindicar uma expansão das oportunidades às mulheres; 2) uma segunda, que buscou inspiração teórica no feminismo e que começa por volta de 1978, quando são publicados dois livros importantes que demarcam essa virada em busca de sustentação teórica – o *Women in Sport: From Myth to Reality* (organizado por Carole Oglesby) e o *Sport and Gender: a Feminist Perspective on the Sociology of Sport* (de Ann Hall); 3) uma última, que se inicia na década de 1980, e que é fortemente influenciada por sensibilidades pós-modernas. Diferentemente do Brasil, há no âmbito internacional uma ligação institucional mais forte com a Sociologia e os Estudos Culturais, particularmente os Estudos Culturais Feministas, desde o início dessa trajetória.

Metodologia

Nos baseamos numa coleta de artigos de periódicos feita através da plataforma *Dimensions*¹ usando um conjunto de palavras-chave² nos títulos e resumos, cujo intuito era mapear trabalhos sobre esporte e gênero de 2000 a 2020. Depois de adotarmos um conjunto de mecanismos de filtragem que tinham como foco selecionar apenas trabalhos cuja temática principal era a questão de gênero, finalizamos nossa coleta com 174 artigos, que foram analisados numa primeira etapa através do software Biblioshiny.

O Biblioshiny é um aplicativo de análise bibliométrica que trabalha a partir de conjuntos de dados exportados em diversas plataformas. A única plataforma compatível com o Biblioshiny que trabalha com artigos em português e publicados em revistas brasileiras é a *Dimensions*, por isso a utilização dela nesta pesquisa. A partir do Biblioshiny, geramos um conjunto de gráficos em que é possível visualizarmos as(os)

01 A *Dimensions* é uma base de dados acadêmica (que inclui dados de citações) criada e mantida pela empresa britânica Digital Science. O objetivo desta, segundo seu site institucional, é ser mais compreensiva que suas concorrentes pagas, como Scopus e Web of Science. A escolha dessa plataforma se deu justamente por sua amplitude, já que a *Dimensions* inclui um vasto conjunto de dados de publicações brasileiras e em português.

02 Foram usados os seguintes parâmetros na busca feita no dia 4 de janeiro de 2021: (esporte OR futebol OR vôlei OR basquete OR futsal OR natação OR esportivo OR esportiva OR jogadora OR torcedora) AND (gênero OR mulher OR mulheres OR homem OR homens OR feminino OR feminina OR feminilidade OR masculino OR masculina OR masculinidade).

autoras(es), os periódicos e os artigos com mais impacto na área. Parte de nossa análise no primeiro movimento de pesquisa está ancorada nos gráficos gerados pelo Biblioshiny. Para além desta estratégia, também adotamos uma análise de conteúdo (Krippendorff, 2004) em que investigamos os tópicos principais dos 174 artigos e as modalidades que são focos de análise desses trabalhos, e daí fizemos um segundo movimento de pesquisa em que analisamos somente os 20 textos em que “mídia esportiva” é o principal tema.

Os textos analisados nessa segunda etapa datam dos anos de 2007 a 2020. A maior incidência de publicações que problematizam o esporte e o gênero através de diversas mídias está nos dois últimos anos analisados, sendo 4 para 2019 e 4 para 2020. Neste segundo movimento, utilizamos como categorias para nossa análise de conteúdo quanti-qualitativa: a) o campo de conhecimento das(os) autoras(es); b) os tipos de mídia analisada; c) o entendimento presente sobre a relação mídia/sociedade; d) os métodos de coleta e análise; e) operadores analíticos; f) principais referências.

Por fim, a partir da leitura detalhada dos 20 artigos que fizeram parte de nossa amostra, mas também de outros estudos neles citados com frequência – como os de Fábio Franzini (2005) e Ludmila Mourão e Márcia Morel (2005) –, de outros citados com menos frequência – como o de Luiz Carlos Rigo e colegas (2008) – e/ou publicados em outros formatos – como os de Silvana Goellner (2003) e Aira Bonfim (2019) –, mapeamos um conjunto de narrativas sobre as mulheres do futebol. Esse mapeamento não se pretende exaustivo. Também não é importante para este trabalho se os artigos dialogavam com conceitos específicos como os de *narrativa, representação, imagem, enquadramento, tropos, estereótipos*, entre outros. Ainda que a noção de representação seja a mais presente, o intuito aqui é mais o de apontar valores e ideias associadas às mulheres do futebol que foram encontradas na mídia por esses estudos, além do caráter construído por tais narrativas, do que discutir conceitualmente qual noção é a mais adequada.

Resumo dos primeiros dois movimentos

O primeiro movimento desta pesquisa identificou as(os) principais autoras(es), periódicos, tópicos e modalidades analisadas na literatura brasileira sobre gênero e esporte. As(os) principais pesquisadoras(es) da área têm formação nos campos da Educação Física e da Educação, atuando majoritariamente em universidades do Sul e do Sudeste (Vimieiro; Eugênio; Pilar, 2021; 2023). Autoras e autores como Silvana Goellner, Ludmilla Mourão, Fabiano Devide e Helena Altmann se destacaram por terem uma ampla produção sobre o tema (número de trabalhos), com impacto significativo na área (h-index e total de citações altos). Os principais periódicos que publicam esses trabalhos também estão ligados à Educação Física e à Educação, porém têm um caráter interdisciplinar, abrigando publicações de pesquisadoras(es) de outros campos.

Os principais tópicos identificados nos trabalhos são: representação e estereótipos (29), trajetórias/empecilhos no esporte (28), mídia esportiva (26), educação escolar (23) e corporalidades (22). A imensa maioria dos artigos tem como foco o futebol e/ou futsal e nem sempre são sobre o futebol e/ou futsal de mulheres, já que questões de gênero também são exploradas a partir de modalidades masculinas e mistas. Esse primeiro movimento de pesquisa reafirmou a presença de temáticas já recorrentes neste subcampo, identificadas anteriormente por Devide e colegas (2011) e Júnior (2003). O único tema que não havia sido explicitamente nomeado por estes trabalhos e que teve um número de ocorrências significativo aqui foi o das corporalidades. Por fim, também identificamos um conjunto importante de lacunas, destacando a baixa ocorrência de estudos sobre interseccionalidades (7), violência (3) e reflexões epistemológicas (3) (Vimieiro; Eugênio; Pilar, 2021).

O segundo movimento de pesquisa focou nos 20 artigos que tinham a “mídia esportiva” como temática central³ (Vimieiro; Eugênio; Souza, 2023). A quase totalidade desses estudos analisa textualidades da mídia esportiva, especificamente o jornalismo esportivo. Temos apenas dois textos que tratam da dimensão produtiva do jornalismo, se apoiando em entrevistas em profundidade e trabalho de inspiração etnográfica. Sobre autoria, nossa análise identificou a presença significativa de pesquisadoras(es) da Educação Física e uma presença ainda tímida de autoras(es) com formação em Comunicação, mesmo nas pesquisas sobre a mídia esportiva. Sobre o tipo de mídia, 12 dos 20 textos analisam a mídia impressa, com notoriedade para a *Revista Placar*, analisada em 3 artigos. A TV apareceu apenas em 3 textos, e o rádio em 1.

Identificamos também os principais entendimentos sobre a relação mídia/sociedade presentes nos artigos. Dos 20 textos, percebemos que 11 apresentam leituras relativamente sofisticadas da relação mídia/sociedade, e outros 9 entendemos que não se preocupam em refletir sobre tal relação (ainda que o objeto principal da análise seja a mídia esportiva) e/ou a compreendem de uma forma dicotômica e simplista. Por fim, há um predomínio de métodos qualitativos, com a presença significativa de análise de conteúdo (7) e de discurso (5). Nos chamou atenção o fato de que categorias importantes na análise do jornalismo não são acionadas nas pesquisas, ainda que o jornalismo esportivo seja a principal prática comunicacional estudada. Este ponto está articulado também com o pouquíssimo acionamento de autoras(es) da Comunicação nos textos.

Terceiro movimento: mapeamento das narrativas sobre o futebol de mulheres

A partir da leitura detalhada dos 20 artigos e de outros citados acima, apresentamos então um mapeamento das narrativas da mídia sobre o futebol de mulheres, buscando caracterizar minimamente cada uma delas.

As senhoritas fidalgas da assistência do foot-ball (primeiras décadas do século 20)

As primeiras aparições das mulheres em relatos do futebol são como torcedoras ou como parte da “assistência”, e figuraram em jornais e revistas do início do século 20. Henrique Sena Santos (2012) analisa notícias de veículos de Salvador de 1906 que retratam essa presença nos jogos e nos clubes esportivos. Esses textos incentivavam e relacionavam as mulheres a uma atmosfera “elegante” e “encantadora”. Como o autor explica, “nesta fase as mulheres se envolviam muito mais enquanto espectadoras de partidas de futebol, regatas ou como frequentadoras dos clubes esportivos e idealizadoras de eventos sociais no interior dos mesmos” (Santos, 2012, p. 274). Leda Maria da Costa (2007, p. 7) reforça que, “nas primeiras décadas do século XX, a presença de senhoritas da alta sociedade contribuiu muito para dar uma atmosfera fidalga ao esporte bretão associando-o à elegância, tranquilidade e beleza, tornando-o, portanto, um esporte apropriado para as famílias mais abastadas”.

Representações que articulam o futebol feminino ao exótico e peculiar (primeiras décadas do século 20)

De 1915 até a década de 1930, Bomfim (2019) identifica narrativas sobre o futebol feminino na imprensa que o retratam como “inédito” e excêntrico. Seja a participação nos “festivals esportivos” ou como parte das exposições em espetáculos circenses, o futebol feminino neste momento é tão incomum que inclusive algumas das notícias identificadas como ocorrências do engajamento de mulheres com o futebol eram na verdade “brincadeiras” e tratavam-se de times de homens “vestidos de mulher” (Bonfim, 2019, p. 110-111).

03 É importante notar que há uma diferença entre os 26 textos identificados acima e os selecionados, já que 6 deles tiveram o tema “mídia esportiva” codificado como segunda, terceira ou quarta temática.

Como explica Bonfim (2019), nesse período, o futebol, “quando praticado por elas, com mais ou menos intenção técnica, não passava de uma atração, uma brincadeira, um chiste ou faz de conta”.

A presença de notícias que anunciavam o futebol feminino nos picadeiros das grandes companhias circenses da época foi também identificada por Mourão e Morel (2005) e Rigo e colegas (2008). Bonfim (2019, p. 110) localiza em narrativas de jornais e também em outras fontes, incluindo documentos do acervo do Centro de Memória do Circo (CMC), que essas exibições eram vistas como um “número de atração e hilaridade”. O público comparecia mais para ver as jovens em trajes esportivos do que para acompanhar os lances dos jogos. Porém, há também relatos que indicam que algumas dessas mulheres “jogavam para valer”, como a atriz Jurandir Neves, conhecida como Didi (Bonfim, 2019).

Bela, maternal e feminina: a missão civilizadora do esporte e a mulher do discurso eugenista (primeira metade do século 20)

A partir da década de 1920, vemos a proliferação de um discurso que revisa a presença da mulher apenas como espectadora dos esportes (Santos, 2012). A urbanização, a modernidade, os discursos eugênicos e higienistas defendem a preparação do corpo através do desenvolvimento físico, inclusive da mulher. Essa mulher aparece pouco atrelada ao futebol, já que o discurso pedagógico da época indicava outras modalidades como mais adequadas para o corpo feminino (Goellner, 2005; Schpun, 1997). Mas Bonfim (2019) e Santos (2012) identificam narrativas que incentivam o futebol feminino a partir dessa perspectiva, mesmo que de forma tímida e pontual. Santos (2012), por exemplo, destrincha textos da revista baiana *Semana Sportiva* que convocam as mulheres para a vivência do habitus esportivo, inclusive no futebol. Bonfim (2019) identifica, a partir da década de 1930, notícias de jornais sobre o futebol suburbano carioca e demonstra que os veículos da época acompanharam as excursões para várias partes do país dos times femininos que se formaram na então capital brasileira. Essa vivência era incentivada a partir dos discursos eugênicos e higienistas, e cabia à mulher esportiva não perder a graciosidade, a beleza e a feminilidade (Goellner, 2003; Santos, 2012). A preparação do corpo das mulheres tinha um intuito específico: gerar filhos fortes.

No momento que o engajamento das mulheres com o futebol parece ultrapassar esses limites, é quando os jornais começam a advertir sobre os perigos do futebol para a fisiologia “delicada” da mulher, que poderia ter os órgãos da reprodução comprometidos pela prática da modalidade (Franzini, 2005; Bonfim, 2019) – falaremos mais sobre essas narrativas adiante. O medo de que o futebol possa “corromper” características dessa feminilidade ligada à delicadeza/graciosidade continua a rondar o imaginário brasileiro mesmo hoje. Apesar do foco não ser a mídia esportiva, Osmar Souza Júnior e Heloísa Reis (2020) demonstram que muitos pais de mulheres do futebol o consideraram, principalmente na infância dessas atletas, como algo inadequado para a “criação de meninas”. O estudo, que analisa biografias de jogadoras de diferentes níveis de rendimento, percebe que a dicotomia espaço público/espaço privado atravessa a criação dessas mulheres, cujos pais demonstram preocupação no período inicial de suas vidas com a ideia de meninas jogando “na rua”, na companhia de meninos, em contraposição a um maior nível de consentimento com a presença delas em escolinhas privadas, na companhia de meninas.

Desmoralização, criminalização e invisibilidade (década de 1940 a 1960)

Tanto Bonfim (2019) quanto Rigo e colegas (2008) demonstram que a imprensa a partir do fim dos anos 1930 se esforça simultaneamente na qualificação e na desmoralização do futebol praticado por mulheres. No ano de 1940, pela ocasião do conhecido jogo entre Casino Realengo FC e SC Brasileiro no estádio do Pacaembu, veículos como o *Jornal dos Sports*, *Correio Paulistano*, *A Batalha* e *O Radical* se esforçaram para promover a novidade esportiva a partir de elementos da feminilidade hegemônica da época, como as ideias do “charme” e da “graça” femininos. Por outro lado, é notório o esforço de *O Imparcial*, veículo cada vez mais alinhado ao projeto estadonovista de Getúlio Vargas, em desqualificar o futebol de mulheres su-

burbano. No período, narra Bonfim (2019), *O Imparcial* utilizou recursos como uma série de entrevistas com “especialistas” e um enquadramento criminalizante do futebol de mulheres para desmoralizar a prática. Carlota Alves de Resende, tia de duas conhecidas jogadoras de futebol, foi presa e acusada de “proxeneta” por atuar como mentora de um time.

Os hábitos das jogadoras e a sede das equipes foram enquadradas como lugares de uma “promiscuidade chocante” (Bonfim, 2019, p. 176). As narrativas moralizantes condenavam essas mulheres por passarem o tempo todo juntas nesses lugares jogando, fumando, conversando e gesticulando livremente. Como também demonstram Bonfim (2019) e Rigo e colegas (2008), a proibição da prática do futebol por mulheres no Brasil vem no momento que “o futebol feminino começara a estruturar-se de modo que se constituísse em uma modalidade esportiva de abrangência nacional” (Rigo *et al.*, 2008, p. 182-183). A proibição ocorre antes que fosse tarde demais e que o futebol feminino se tornasse um afronte maior aos costumes sociais da época. Na sequência, a modalidade esportiva ganhará pouquíssima visibilidade na mídia, como indicado por Mourão e Morel (2005).

Retorno à mídia, com representações que remetem à divisão sexual do trabalho e à ridicularização (década de 1970)

O trabalho de Mourão e Morel (2005) identifica manchetes importantes a partir da década de 1970 que revelam esse retorno gradual do futebol feminino ao espaço de visibilidade da mídia. Chamadas como “O futebol depois da louça lavada”, publicada no *Jornal do Brasil* de 29 de novembro de 1976, e “Mesa tirada, rumo à praia para o futebol”, publicada em *O Globo* em 11 de abril de 1976, dão o tom das narrativas desse momento histórico. Segundo as autoras, as chamadas remetiam à prática do futebol de praia por moças da classe média do bairro de Copacabana, no Rio de Janeiro, e de mulheres das classes populares, sobretudo aquelas que atuavam como empregadas domésticas e que se juntavam ao final do expediente na praia em frente à Rua Rodolfo Dantas para jogarem juntas. O fenômeno chamou a atenção da imprensa, que o noticiou “com metáforas polissêmicas e irônicas que ridicularizam a presença feminina em campo” (Mourão; Morel, 2005, p. 79).

Representações que articulam identidades de gênero e sexual (a partir sobretudo da década de 1980)

O fim da proibição do futebol feminino em 1979 e a regulamentação da modalidade em 1983 são frutos desse processo gradual de mudança. A partir da década de 1980, ele volta a ter mais espaço na mídia com representações que, segundo Goellner (2005), estão ancoradas em discursos essencialistas que entendem que a cada sexo correspondem algumas características que lhes são inerentes. O futebol e as noções a ele associadas, como agressividade e competitividade, continuam vistos como masculinos e, sendo assim, recaí sobre as mulheres que o praticam o medo de que possam se masculinizar. Esses corpos, ao não performarem aquilo que é esperado de seu gênero – sendo elas fortes, habilidosas e ativas –, são também interpretados como desviantes em termos de sexualidade.

Leila Salvini e Wanderley Marchi Júnior (2013a), ao explorarem a cobertura da *Revista Placar* ao futebol feminino da década de 1980, ressaltam que o tema da homossexualidade era dominante naquele momento. Menos do que reforçar a associação com uma possível masculinização e com a homossexualidade, as reportagens pareciam buscar desconstruir tal imagem, partindo do pressuposto que aquela era uma representação dominante no imaginário. Assim, “o investimento se deu em circular informações e representações que relacionassem a imagem das futebolistas aos ideais de feminilidade, visando desmistificar a polêmica homossexual que rondava a prática do futebol feminino no Brasil” (Salvini; Marchi Júnior, 2013a, p. 112). O tema foi abordado na cobertura significativa que a revista deu ao Esporte Clube Radar, que foi um clube mobilizador de significativa visibilidade para o futebol de mulheres na mídia esportiva da década de 1980.

As musas brancas e loiras e a reafirmação da feminilidade hegemônica (1980 e 1990)

De alguma forma, a representação das mulheres do futebol como masculinizadas e de sexualidade não normativa teria de ser desmistificada para que a modalidade fosse aceita como apropriada em uma sociedade binarista e heteronormativa. Uma segunda estratégia utilizada no período pós-regulamentação é o reforço da heteronormatividade e da feminilidade hegemônica através da objetificação do corpo das jogadoras de futebol. As conhecidas capas/reportagens da *Revista Placar* da década de 1990 (notadamente, das edições de agosto de 1995, setembro de 1996 e março de 1997, apresentadas abaixo na Figura 1) que foram analisadas por Salvini e Marchi Júnior (2013b; 2016) vão mostrar claramente esse movimento.



Tabela 1: Trabalhos sobre mulheres no GP Comunicação e Esporte da Intercom

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Nesse momento, quem ganha visibilidade não são as jogadoras de significativo nível técnico, mas sim as atrizes e modelos envolvidas com o futebol, como o conhecido caso de Suzana Werner, que esteve em duas dessas capas. Percebe-se, nesse período, uma sexualização do corpo da jogadora de futebol que não é identificado em outros períodos. Mas não é a sexualização de qualquer corpo: é do corpo branco, e muitas vezes de mulheres loiras que destoam em geral das praticantes da modalidade. Sobre isso, Marco Antônio Ferretti e colegas (2011), ao examinarem a cobertura dos Jogos Olímpicos de Pequim de 2008, vão apontar que há um nível de erotização menor nas imagens das jogadoras de futebol em comparação com o vôlei, o tênis e o atletismo. Segundo os autores, as jogadoras de futebol brasileiras têm sua imagem menos explorada sexualmente porque não atendem a um padrão de beleza europeia, já que muitas delas são pardas ou pretas. A única vez em que é usada a palavra “musa” atrelada a uma jogadora de futebol nos veículos analisados na pesquisa é para qualificar a goleira branca dos Estados Unidos, Hope Solo. Porém, no final das décadas de 1980 e 1990, vemos essa objetificação com as mulheres brancas e loiras que representam o futebol feminino num espaço de visibilidade como a *Revista Placar*.

Foco na “natureza feminina” e na maternidade (1990-)

Essa não é exatamente uma representação nova da relação mulher/esporte na mídia esportiva. Como apontamos acima, até meados do século 20, pouco antes da proibição do futebol feminino, a questão da reprodução também era central para entendimentos que recriminavam tal prática. Na década de 1990, novamente, questões relacionadas à reprodução e ao que é “tipicamente feminino” voltam à cena. Dessa vez, com outras conotações. Mourão e Morel (2005) identificam uma notícia publicada no jornal *O Globo* de

1993 em que é narrado que uma marca de absorvente estaria interessada em estampar sua logo na camisa do time feminino de futsal do Vasco, campeão brasileiro. A equipe, vista como “segura e natural”, representaria valores que a empresa, uma multinacional, gostaria de atrelar a sua imagem. Aqui, dizem as autoras, havia “a intenção de se correlacionar a característica reprodutiva da mulher, representada pela menstruação, com a metáfora da natureza e segurança femininas para o jogo de futebol” (Mourão; Morel, 2005, p. 82). Johanna Von Mühlen e Silvana Goellner (2012) também identificam tal associação no material analisado do *Portal Terra* durante os Jogos de Pequim de 2008, que incluía a cobertura do futebol feminino. As pesquisadoras percebem a presença de várias imagens de atletas mulheres com suas filhas e filhos entre as fotos publicadas pelo portal, o que não identificam entre os atletas homens. Para elas, essa representação de feminilidade identifica a maternidade como algo essencial à “natureza feminina”.

Mulher moderna é forte e ativa (1990-)

A partir dos anos 2000, as mulheres do futebol vão ser representadas de forma a se aproximar de um novo ideal de mulher. Esse novo ideal, que começou a ser gestado no início do século 20 a partir dos discursos higienistas e eugênicos, é de uma mulher ativa e forte. Essas noções são atualizadas pelo movimento fitness na contemporaneidade, que promove novos padrões de corporalidade feminina (Adelman, 2003). Segundo Miriam Adelman (2003, p. 448),

[...] de fato, com a ruptura ou declínio da domesticidade feminina, o padrão da fragilidade começa a ceder terreno a um novo ideal, mais adequado à noção da “mulher ativa” que começa a construir-se [...]. O corpo feminino “ideal” [hoje] é magro e firme, embora não “musculoso demais” – e requer muitas horas de trabalho, de investimentos em tempo e dinheiro.

Tal ideal, muito bem exemplificado pelo *slogan* “Strong is beautiful”, que estampa campanhas, camisetas e material publicitário de diferentes naturezas, poderia sugerir uma ruptura radical com visões hegemônicas sobre a corporalidade feminina. Porém, como indicam Angelita Jaeger e Silvana Goellner (2011), mesmo no fisiculturismo, modalidade propícia a uma mudança desse tipo, existem práticas de hiperfeminilização normalizadas em que as categorias com mais visibilidade são justamente aquelas com menos foco na hipertrofia muscular e que investem fortemente numa espécie de cosmetologização do corpo – ou, em outras palavras, “o uso e abuso de artifícios voltados para a edificação de atributos considerados como perententes ao universo feminino” (Jaeger; Goellner, 2011, p. 966), como cuidados requintados com tonalização da pele, maquiagem, cabelos, unhas, escolha meticulosa de roupas, calçados e/ou adereços como joias e bijuterias. O futebol tem sido representado em articulação com esse novo ideal, como identificado por Mourão e Morel (2005) em reportagens dos anos 1990 e 2000. Esses textos buscam argumentar que músculo e beleza podem coexistir e indicar que atletas mulheres não gostam de ser tratadas como “bibelôs”.

Uma agenda de pesquisa para o subcampo

Sem a intenção de esgotar os rumos de pesquisa possíveis, apresentamos agora algumas propostas de linhas de investigação a partir do nosso mapeamento.

Utilizar categorias ligadas às especificidades do jornalismo para analisar o jornalismo esportivo

Como apontado acima, ainda que o jornalismo esportivo seja a principal prática comunicacional estudada, não são utilizadas categorias de análise típicas dos estudos do jornalismo. Mesmo a editoria dos textos não está clara em algumas pesquisas: infere-se que é o caderno esportivo, mas não necessariamente textos sobre esporte são publicados nessa editoria. Em geral, não sabemos muito sobre os sujeitos que

assinam as reportagens, quem são as fontes ouvidas e/ou os enquadramentos adotados – com raras exceções, como John (2014) e Lourenço e colegas (2022). Por vezes, o jornalismo esportivo é analisado de forma genérica, pouco importando se trata-se de textos publicados em jornais impressos, revistas, TV, rádio ou portais on-line. Não são feitas comparações entre veículos, períodos históricos e regiões do país. Toma-se, às vezes, um único veículo como retrato fiel do jornalismo esportivo.

É preciso ir além do jornalismo esportivo e estudar outras textualidades midiáticas

Percebemos que um conjunto já significativo de pesquisas se debruçaram sobre as representações de mulheres na mídia esportiva há pelo menos três décadas no Brasil. Porém, esses estudos não se expandiram para olhar para representações de gênero no esporte além do jornalismo. Pouco sabemos, por exemplo, sobre a presença das mulheres na publicidade e na comunicação organizacional esportiva – com poucas exceções que mais confirmam a regra, como é o caso de Camila Pereira, Fausto Amaro e Fábio Grotz (2013) e Édison Gastaldo (2002), que analisam representações de gênero em diferentes edições da Copa do Mundo de Futebol Masculina. Pouco sabemos sobre como as mulheres do futebol são representadas no cinema ou na televisão, ainda que haja um consumo substantivo de imagens generificadas do esporte em produções como telenovelas e séries de TV (Vimieiro; Souza, 2022).

Estudar televisão

Apesar de o nosso consumo esportivo ser largamente mediado especialmente pela televisão, poucos estudos dedicam-se a estudá-la, seja focando suas transmissões, seus programas jornalísticos e/ou seus produtos de entretenimento, como séries e telenovelas, como apontado acima. Há algumas exceções, como os trabalhos de Tatiana Ushinohama (2014) sobre transmissão televisiva e de Márcio Telles (2014) sobre o *replay*, mas no geral sabemos pouquíssimo sobre estilos, formatos e linguagens do jornalismo esportivo televisivo e dos produtos de entretenimento que falam do esporte, incluindo aqueles que falam das mulheres do futebol.

Estudar outras mídias e a cobertura cotidiana

Assim como Fortes (2011) apontou para a subárea de Comunicação e Esporte, as pesquisas sobre mídia, esporte e gênero são fortemente focadas na mídia corporativa e nos principais veículos do jornalismo esportivo. No caso do futebol de mulheres, em particular, esse é um grande problema, na medida em que muitas vezes não é exatamente nesses espaços que encontramos as narrativas midiáticas sobre a modalidade. Não à toa, muitos estudos olham para os grandes eventos, como os Jogos Olímpicos de Verão, pois é nesse momento que o futebol de mulheres e as modalidades femininas no geral recebem mais atenção. É preciso, nesse contexto, estudar a cobertura cotidiana e o universo das mídias alternativas. Há experiências de comunicação ligadas a torcedoras e torcedores, produzidas por jornalistas com modos de monetização típicos da economia digital, perfis em redes sociais digitais e *influencers* no âmbito do esporte que não são amplamente estudados, à exceção dos trabalhos de Ana Carolina Vimieiro (2014; 2015; 2018; 2023a; 2023b). Outras exceções são os artigos de Carolina Firmino (2019) e Cecília Lima, Soraya Januário e Daniel Leal (2022) sobre o projeto Dibradoras e o estudo de Rafaela Souza e colegas (2023) sobre *podcasts* de 2018 a 2022 focados no futebol de mulheres e produzidos por mulheres no Brasil.

Investigar a produção e o consumo do jornalismo esportivo

Muitos estudos dedicam-se a estudar as textualidades do jornalismo, e pouquíssimos dedicam-se a olhar para a dimensão da produção e do consumo. Particularmente, é preciso ir além da estratégia da análise textual e investigar as experiências de mulheres jornalistas e as dificuldades estruturais que estas enfrentam no jornalismo esportivo como um todo e, especificamente, para cobrir as modalidades femininas.

Com exceção dos trabalhos de Adriana Brum e André Capraro (2015), que entrevistam dez mulheres atuantes em 2013 no mercado do jornalismo esportivo de Curitiba, de Leonardo Pacheco e Sílvio Silva (2020), que realizaram 38 entrevistas e sete meses de observação participante com mulheres do jornalismo esportivo de Belo Horizonte, e Pacheco (2020), em que a mesma pesquisa é usada de base para discutir especificamente as relações das mulheres com a narração esportiva, temos pouquíssimas informações sobre esse cenário.

Superar a noção de “mulher universal” e considerar as interseccionalidades que demarcam as experiências das diversas mulheres do esporte

Como apontado acima, argumentamos em um trabalho anterior que esta é uma lacuna na área, já que apenas sete artigos tematizam gênero em articulação com algum outro marcador no esporte (Vimieiro; Eugênio; Pilar, 2021). Adelman (2003) é uma das poucas pesquisadoras que ensaiam um olhar interseccional ao analisar depoimentos de atletas de um esporte de elite (hipismo) e de um esporte mais popular (vôlei) e perceber que fatores sociais influenciam profundamente a (re)significação de feminilidades por essas atletas – amazonas têm, por exemplo, privilégios de classe e raça que possibilitam acesso a processos de negociação que permitem a ampliação de poder. Na imensa maioria dos trabalhos, há um pressuposto da mulher como uma categoria universal. Mesmo os poucos artigos que trabalham a interseccionalidade o fazem sem citar o conceito, como é o caso de Adelman (Vimieiro; Eugênio; Pilar, 2021). Uma das poucas exceções é Cláudia Kessler e Fernanda Alves (2019), que pesquisam uniformes esportivos de mulheres no futebol e acionam Kimberlé Crenshaw e outras intelectuais que abordam as opressões cruzadas que recaem sobre diversos sujeitos, como Lélia Gonzalez e bell hooks, e Mariana Martins, Kerzia Silva e Vitor Vasquez (2021), que analisam o suplemento especial sobre esporte do Programa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) 2015 e indicam que, diferentemente de esportes no geral, classe e raça impactam de forma oposta na adesão ao futebol – isto é, a maioria das mulheres que praticam futebol advêm de classes mais baixas e são negras –, demonstrando assim a necessidade de considerar as interseccionalidades ao olhar para o futebol de mulheres no Brasil.

Investigar violências de gênero no esporte, particularmente as representações midiáticas dos diversos casos que repercutiram nos últimos anos no Brasil

Esta é uma outra lacuna identificada em nosso levantamento, e chama a atenção porque, neste caso, há uma já vasta literatura sobre o assunto no âmbito internacional, com publicações desde a década de 1980 que vão relacionar, por exemplo, violência e masculinidades hegemônicas no esporte. Alguns temas explorados nessa literatura incluem: a violência de atletas homens contra mulheres; a relação do consumo de esportes televisionados com a violência doméstica; a violência em bares e outros espaços de sociabilidade esportiva; e a cobertura midiática sobre casos de violência de gênero no esporte (Toffoletti, 2007; McKay; Messner; Sabo, 2000). No contexto brasileiro, apesar de alguns casos emblemáticos terem sido estudados inclusive na Comunicação, como o de Eliza Samudio, não o foram a partir de discussões sobre esporte e gênero (eg. Petrucci, 2019; Simões; Lima, 2018). A maior visibilidade e discussão de casos recentes, como o do ex-jogador Robinho, condenado a nove anos de prisão na Itália por participação em estupro coletivo, demonstram a urgência de lidar com essa lacuna.

É preciso lidar com as dificuldades para analisar imagens complexas, que sexualizam ao mesmo tempo que posicionam as mulheres do esporte como fortes e ativas

Esta lacuna é identificada na literatura internacional por Kim Toffoletti (2016) e Toni Bruce (2015). Bruce, em um artigo de 2015 sobre as representações das mulheres do esporte, se perguntava se “nossas teorias sociológicas atuais nos fornecem ferramentas suficientes para explicar [...] os novos discursos ‘hot and hard’ [algo como sexy e forte] que validam e representam algumas esportistas como altamente qualificadas

fisicamente e (hétero) sexualmente atraentes” (Bruce, 2015, p. 383, tradução nossa).⁴ Toffoletti (2016), que dialoga com Bruce (2015), tenta responder a esse desafio a partir da noção de *sensibilidade pós-feminista* de Rosalind Gill (2007) e Angela McRobbie (2004), que buscam explicar os modos de subjetividade feminina que têm sido construídos através de uma retórica neoliberal de autonomia, escolha e empoderamento que responsabiliza a própria mulher pelas imagens sexualizadas de si. Também percebemos essas imagens ambíguas no cenário contemporâneo brasileiro, como indicado acima, e, por aqui, as dificuldades intensificam-se na medida em que tais discussões, como apontado por Gill (2011), não são de transposição simples para o contexto do Sul Global e/ou de fácil diálogo com uma perspectiva interseccional.

Considerações finais

Este artigo buscou apresentar e analisar as principais narrativas da mídia sobre o futebol de mulheres observadas na literatura de referência da área a partir de um mapeamento que fizemos como etapa final de uma metapesquisa sobre gênero e esporte no Brasil. Também propomos um conjunto de linhas ou caminhos de estudo a partir de lacunas temáticas, teóricas e empíricas que identificamos ao longo da investigação, conduzida como parte de um projeto amplo de pesquisa sobre as relações entre mulheres, esporte e mídia.

Concordamos com Fortes (2011; 2014; 2021) que o subcampo da Comunicação e Esporte precisa superar o voluntarismo que o demarca e ganhar em consistência, sistematicidade e cientificidade. Neste momento em que o futebol de mulheres e as mulheres do futebol ganham visibilidade e vemos o interesse pelo tema crescer na academia, é preciso construir uma agenda de pesquisa na área que efetivamente supra as lacunas existentes e nos faça avançar como subcampo científico.

04 No original: “our current sociological theories provide us with sufficient tools to explain adequately the historical resilience and international consistency of media marginalization, or the new ‘hot and hard’ discourses that validate and represent some sportswomen as highly physically skilled and (hetero)sexually attractive”.

Referências

ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis [on-line], v. 11, p. 445-465, 2003.

BIRRELL, S. Feminist Theories for Sport. In: COAKLEY, J.; DUNNING, E. **Handbook of Sports Studies**. Londres: Sage, 2000. p. 61-76.

BONFIM, A. F. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. 217 f. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getulio Vargas, Rio de Janeiro, Brasil, 2019.

BRUCE, T. Assessing the Sociology of Sport: on Media and Representations of Sportswomen. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 50, n. 4-5, p. 380-384, 2015.

BRUM, A.; CAPRARO, A. M. Mulheres no jornalismo esportivo: uma “visão além do alcance”? **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 4, p. 959-971, 2015.

CAPELO, R. Copa do Mundo feminina mais do que dobra audiência de edição anterior e bate recorde no Brasil. **GE**, on-line, 5 jul. 2019. Disponível em: <<https://ge.globo.com/blogs/blog-do-rodriigo-capelo/post/2019/07/05/copa-do-mundo-feminina-mais-do-que-dobra-audiencia-de-edicao-anterior-e-bate-recorde-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 15 dez. 2024.

COSTA, L. M. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e autorrepresentação do público feminino de futebol. **Esporte e Sociedade**, Niterói, v. 2, n. 4, p. 1-31, 2007.

DEVIDE, F. P.; OSBORNE, R.; SILVA, E. R.; FERREIRA, R. C.; CLAIR, E. S.; NERY, L. C. P. Estudos de gênero na educação física brasileira. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 17, p. 93-103, 2011.

FERRETTI, M. A. C.; ZUZZI, R. P.; VIANA, A. E. S.; VILHA JUNIOR, F. M. O futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim. **Motriz: Revista de Educação Física**, Rio Claro, v. 17, p. 117-127, 2011.

FIRMINO, C. Empoderamento e relações de poder: a cobertura feminista da Copa do Mundo da Rússia pelo projeto “dibradoras”. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 23-38, 2019.

FORTES, R. Estudos de esporte na área de comunicação: um panorama e algumas propostas. **Revista FAMECOS: Mídia, Cultura e Tecnologia**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 598-614, 2011.

_____. Um balanço dos estudos de esporte no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação de 2012. **Revista Contracampo**, Niterói, n. 30, p. 83-100, 2014.

_____. A História e os estudos do esporte na Comunicação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 2021, Recife (virtual). **Anais...** São Paulo: Intercom, 2021. p. 1-13.

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? : pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, p. 315-328, 2005.

GASTALDO, É. **Pátria, chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: AnnaBlume, 2002.

GILL, R. Postfeminist Media Culture: Elements of a Sensibility. **European Journal of Cultural Studies**, v. 10, n. 2, p. 147-166, 2007.

_____. Sexism Reloaded, or, It's Time to Get Angry Again!. **Feminist Media Studies**, v. 11, n. 1, p. 61-71, 2011.

GOELLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina**: imagens da mulher na Revista Educação Physica. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

JAEGER, A. A.; GOELLNER, S. V. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. **Revista Estudos Feministas, Florianópolis**, v. 19, n. 3, p. 955-976, 2011.

JOHN, V. M. Jornalismo esportivo e equidade de gênero: a ausência das mulheres como fonte de notícias na cobertura dos jogos olímpicos de Londres 2012. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 498-509, 2014.

KESSLER, C. S.; ALVES, F. O. Uniformes esportivos de mulheres no futebol: convenções, subversões e distinções no vestuário. dObra[s]: **Revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, v. 12, n. 27, p. 13-30, 2019.

KRIPPENDORFF, K. **Content Analysis**: an Introduction to Its Methodology. Nova York: Sage, 2004.

LIMA, C. A. R.; JANUÁRIO, S. B.; LEAL, D. F. O. “Dibrando” a mídia hegemônica: a imprensa alternativa na propagação do futebol de mulheres. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 45, e2022116, 2022.

LOURENÇO, O. B.; MONTEIRO, V. A. N.; SILVA, L. B.; D’AURIA, B. B.; SANTOS, S. M. A cobertura jornalística das copas de 2019 no Globoesporte.com: indícios da midiaticização do futebol de mulheres. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Brasília**, v. 44, e011321, 2022.

LUZ JUNIOR, A. A. **Educação física e gênero**: olhares em cena. São Luiz: Imprensa UFMA, 2003.

MATTOS, M. Â.; VILLAÇA, R. C. Aportes para nova visada da metapesquisa em comunicação. **Revista Comunicação & Sociedade, Braga**, v. 33, n. 57, p. 199-218, 2012.

MARTINS, L. T.; MORAES, L. O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 69-82, 2007.

MARTINS, M. Z.; SILVA, K. R. S.; VASQUEZ, V. As mulheres e o país do futebol: intersecções de gênero, classe e raça no Brasil. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 27, e27006, 2021.

MCKAY, J.; MESSNER, M. A.; SABO, D. (Eds.). **Masculinities, Gender Relations, and Sport**. Thousand Oaks/California: Sage, 2000.

MCRROBBIE, A. Post-Feminism and Popular Culture. **Feminist Media Studies**, v. 4, n. 3, p. 255-264, 2004.

MENDONÇA, R. Copa do Mundo feminina bate recorde e supera 1 bilhão de espectadores. **Dibradoras**, on-line, 18 out. 2019a. Disponível em: <<https://dibradoras.com.br/2019/10/18/copa-do-mundo-feminina-bate-recorde-e-supera-1-bilhao-de-espectadores/>>. Acesso em: 15 dez. 2024.

_____. 30 milhões viram Brasil x França, a maior audiência da história da Copa. **Uol**, on-line, 25 jun. 2019b. Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/06/25/30-milhoes-viram-brasil-x-franca-a-maior-audiencia-da-historia-da-copa/>>. Acesso em: 15 dez. 2024.

_____. Band acerta com CBF e vai transmitir o Brasileiro feminino. **Uol**, on-line, 2 maio 2019c. Disponível em: <<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/05/02/band-acerta-com-cbf-e-vai-transmitir-o-brasileiro-feminino/>>. Acesso em: 15 dez. 2024.

MOURÃO, L.; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005.

MÜHLEN, J. C. V.; GOELLNER, S. V. Jogos de gênero em Pequim 2008: representações de feminilidades e masculinidades (re)produzidas pelo site Terra. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 34, n. 1, p. 165-184, 2012.

PACHECO, L. T. A palavra e a voz no futebol: apontamentos sobre mulheres e narração esportiva. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020. p. 640-651.

_____.; SILVA, S. R. Mulheres e jornalismo esportivo: possibilidades e limitações em um campo masculino. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 3, e61002, 2020.

PEREIRA, C. A. A.; AMARO, F.; GROTZ, F. Relações de gênero e consumo na publicidade da Brahma na copa do mundo de 2010. **Revista Signos do Consumo**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 170-186, 2013.

PETRUCCI, G. **“Vou só com passagem de ida”**: enquadramento e aspectos políticos da violência contra mulher na cobertura do caso Eliza Samúdio no Portal UOL. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

RIGO, L. C.; GUIDOTTI, F. G.; THEIL, L. Z.; AMARAL, M. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Brasília**, v. 29, n. 3, p. 173-188, 2008.

SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. Uma história do futebol feminino nas páginas da *Revista Placar* entre os anos de 1980-1990. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 95-115, 2013a.

_____.; _____. Notoriedade mundial e visibilidade local: o futebol feminino na *Revista Placar* na década de 1990. **Sociologias Plurais**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 144-159, 2013b.

_____.; _____. Registros do futebol feminino na *Revista Placar*: 30 anos de história. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, v. 28, n. 49, p. 99-113, 2016.

SANTOS, H. S. Entre torcedoras e esportistas: a presença feminina na revista ilustrada *Semana Sportiva* em Salvador nos anos 1920. **Saeculum: Revista de História**, Campina Grande, n. 27, p. 269-290, 2012.

SCHPUN, M. R. Códigos sexuais e vida urbana em São Paulo: as práticas esportivas da oligarquia nos anos vinte. In: SCHPUN, M. R. (Org.). **Gênero sem fronteiras**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997. p. 45-71.

SIMÕES, P. G.; LIMA, L. A. O caso Eliza Samúdio como acontecimento: fama, anonimato e violência de gênero em nossa sociedade. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 1, p. 599-629, 2018.

SOUZA, R. C.; EUGÊNIO, F. R.; VIMIEIRO, A. C. **Elas por elas**: a cobertura noticiosa do futebol de mulheres em podcasts brasileiros de 2018 a 2022. *FuLiA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 8, p. 101-129, 2023.

SOUZA JÚNIOR, O. M.; REIS, H. H. B. Projetos de vida, mulheres e futebol. In: GIGLIO, S. S.; PRONI, M. W. (Orgs.). **O futebol nas ciências humanas no Brasil**. Campinas: Editora Unicamp, 2020. p. 605-622.

TELLES, M. O *replay* na teletransmissão esportiva a partir do tempo morto do futebol. **Revista Mediação**, Belo Horizonte, v. 16, n. 18, p. 61-76, 2014.

TOFFOLETTI, K. How is Gender-Based Violence Covered in the Sporting News? An Account of the Australian Football League Sex Scandal. **Women's Studies International Forum**, Pergamon, v. 30, n. 5, p. 427-438, 2007.

_____. Analyzing Media Representations of Sportswomen: Expanding the Conceptual Boundaries Using a Postfeminist Sensibility. **Sociology of Sport Journal**, v. 33, n. 3, p. 199-207, 2016.

USHINOHAMA, T. Z. **A narrativa audiovisual da transmissão direta e ao vivo da copa do mundo da FIFA**: comparação entre a televisão analógica e a digital. 2014. 127 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2014.

VIMIEIRO, A. C. A produtividade digital dos torcedores de futebol brasileiros: formatos, motivações e abordagens. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 31, n. 1, p. 23-59, 2014.

_____. **Football Supporter Cultures in Modern-Day Brazil**: Hypercommodification, Networked Collectivisms and Digital Productivity. 2015. 329 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Queensland University of Technology, Brisbane, 2015.

_____. The Digital Productivity of Football Supporters: Formats, Motivations and Styles. **Convergence**, v. 24, n. 4, p. 374-390, 2018.

_____. Miatização e futebol: dinâmicas digitais do torcer no Brasil. In: SILVA, S. R.; ANJOS, L. A.; DANTAS, M. M.; SALDANHA, R. M. (Orgs.). **Torcidas organizadas, coletivos e movimentos de torcedores**: um panorama nos dias atuais. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2023a. p. 47-80.

_____. Torcedores como produtores: por uma abordagem comunicacional das culturas torcedoras.

Recorde: Revista de História do Esporte, Rio de Janeiro, v. 16, p. 1-21, 2023b.

_____.; EUGÊNIO, F. R.; PILAR, O. A produção acadêmica sobre gênero e esporte no Brasil (2000-2020). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 44., 4 a 9 de outubro de 2021. **Anais...** On-line: Intercom, 2021. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt6-ce/ana-carolina-vimieiro.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2024.

_____.; SOUZA, N. O. Representações das mulheres do futebol em telenovelas: uma análise da personagem Suelen de Avenida Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 45., 5 a 9 de setembro de 2022. **Anais...** Campina Grande: Intercom; UFPB, 2022. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0720202217165362d862b5d2b2b.pdf>>. Acesso em: 2 dez. 2024.

_____.; EUGÊNIO, F. R.; SOUZA, O. L. P. A produção acadêmica sobre mídia, gênero e esporte no Brasil (2000-2020): reflexões a partir da Comunicação. **Revista Eco-Pós**, on-line, v. 26, n. 3, p. 196-222, 2023.

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, tese

O artigo é resultado da pesquisa “Mulheres, esporte e mídia: análise das relações de gênero e das matrizes de dominação que demarcam a presença de mulheres no campo midiático esportivo” (2020-2024).

Fontes de financiamento

Este artigo é resultado de projeto de pesquisa executado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) Modalidade: Edital Fapemig 001/2021 – Demanda Universal. O presente trabalho foi também realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Apresentação anterior

Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais

As autoras agradecem as contribuições de pareceristas e os comentários feitos por colegas, em diferentes estágios do estudo, e que contribuíram para esta versão. Agradecemos em especial os integrantes do GP Comunicação e Esporte da Intercom e integrantes do Coletivo Marta – Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas (UFMG).

Informações para textos em coautoria

Concepção e desenho da pesquisa:

Ana Carolina Vimieiro

Coleta de dados:

Ana Carolina Vimieiro, Flaviane Rodrigues Eugênio

Análise e/ou interpretação dos dados:

Ana Carolina Vimieiro, Flaviane Rodrigues Eugênio, Olívia Luiza Pilar de Souza

Escrita e redação do artigo:

Ana Carolina Vimieiro, Flaviane Rodrigues Eugênio, Olívia Luiza Pilar de Souza

Revisão crítica do conteúdo intelectual:

Ana Carolina Vimieiro, Flaviane Rodrigues Eugênio, Olívia Luiza Pilar de Souza

Formatação e adequação do texto ao template da E-Compós:

Ana Carolina Vimieiro, Flaviane Rodrigues Eugênio, Olívia Luiza Pilar de Souza

Dados sobre Cuidados Éticos e Integridade Científica

A pesquisa que resultou neste artigo teve financiamento?

Sim.

Financiadores influenciaram em alguma etapa ou resultado da pesquisa?

Não.

Liste os financiadores da pesquisa:

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com os financiadores da pesquisa?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Fomento através de edital público e bolsa de pesquisa.

Autora, autor, autores têm algum tipo de vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização mencionada pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos deste tipo.

Autora, autor, autores têm algum vínculo ou proximidade com alguma pessoa ou organização que pode ser afetada direta ou indiretamente pelo artigo?

Não.

Descreva o vínculo apontado na questão anterior:

Não há vínculos deste tipo.

Interferências políticas ou econômicas produziram efeitos indesejados ou inesperados à pesquisa, alterando ou comprometendo os resultados do estudo?

Não.

Que interferências foram detectadas?

Nenhum efeito do tipo foi detectado.

Mencione outros eventuais conflitos de interesse no desenvolvimento da pesquisa ou produção do artigo

Não há conflito de interesses.

A pesquisa que originou este artigo foi realizada com seres humanos?

Não.

Entrevistas, grupos focais, aplicação de questionários e experimentações envolvendo seres humanos tiveram o conhecimento e a concordância dos participantes da pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Participantes da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

A pesquisa tramitou em Comitê de Ética em Pesquisa?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa aprovou a coleta dos dados?

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.

Mencione outros cuidados éticos adotados na realização da pesquisa e na produção do artigo:

Não se aplica porque a pesquisa não envolveu a participação de seres humanos.